

# GRANDE BRASÍLIA



Editor: José Luiz Oliveira/Chefe de Reportagem: Tais Braga/ Subeditores: Suelene Teles e Ricardo Nobre/E-mail: grandebrasilia@jornaldebrasilia.com.br/Alô Jornal: 0800-612221

## DF - Planaltina Gangues estão de volta a Planaltina

ADRIANO MACHADO

**EM SEIS DIAS,  
QUATRO PESSOAS  
FORAM MORTAS E  
QUEM FAZ A LEI  
SÃO OS QUE  
ANDAM ARMADOS**

**JANAÍNA FREIRE e  
Luís AUGUSTO GOMES**

A disputa de poder entre as gangues de adolescentes e jovens voltaram a aterrorizar Planaltina. Roubos, homicídios e latrocínio (roubos seguintes de morte) amedrontam os moradores. Eles consideram a cidade como uma terra sem lei, onde quem manda são os que andam armados. Nos últimos seis dias, quatro assassinatos foram registrados pela polícia. O caso mais recente foi a morte de Rodrigo Francisco Ferreira, 20 anos, e a tentativa contra Richardson Santos Silva, 19 anos.

Rodrigo e Richardson foram baleados quando conversavam entre o conjunto F e G da quadra 2 do bairro Jardim Roriz, por volta das 19h30 de quarta-feira. Dois rapazes chegaram em uma bicicleta e, sem dizer nada, sacaram as armas, dispararam contra as vítimas e fugiram. Rodrigo levou um tiro na cabeça e morreu quando era levado ao Hospital Regional de Planaltina (HRP).

Apesar de levar quatro tiros, dois no braço esquerdo, um no pescoço e outro nas costas, Richardson teve um

pouco mais de sorte. Socorrido ao HRP, foi transferido para o Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). Segundo os médicos, uma das balas atingiu a coluna e ele corre o risco de ficar paraplégico.

O delegado João Monteiro, chefe da 16ª Delegacia de Polícia, instaurou inquérito para apurar o crime. Ele acredita que seja de um acerto de contas ou vingança e informou que tem pistas sobre quem são os autores dos disparos. Mas, prefere não revelar para não atrapalhar as investigações. "Conversamos com o Richardson e temos certeza que ele sabe quem são os criminosos, mas está com medo de revelar", disse Monteiro.

De acordo com o delegado, a lei do silêncio impera entre vítimas e moradores. Assustados com a violência e com medo de represálias, eles preferem ficar calados. Na sua opinião, muitas vezes a polícia demora a solucionar um crime porque a população não dá informações. Como, por exemplo, no caso da morte de Rodrigo e da tentativa de Richardson.

João Monteiro trabalha com a hipótese de uma vingança porque, segundo ele, ninguém dispara tantos tiros (oito) contra alguém sem motivo. O fato de Richardson já ter passagem pela polícia como suspeito de vários crimes pode ter sido uma das causas do acerto de contas. Como Rodrigo estava junto com ele, acabou sendo atingido também.



**NO BAIRRO Jardim Roriz, todos se calam sobre os crimes que aterrorizam a população, grande parte deles comandados por gangues**

Muito abalado com a morte do filho, Francisco Ferreira soube do crime por uma vizinha. Ele afirmou que desconhecia o envolvimento de Rodrigo com gangues. "Apesar de não concordar com algumas amizades que ele tinha, era um bom rapaz", lamentou o pai. Segundo Francisco, o Instituto de Medicina Legal (IML) só liberou o corpo do filho no final da tarde de ontem. Por isso, Rodrigo será sepultado hoje, às 13h, no Cemitério de Planaltina.

## No local, ninguém abre a boca

Ninguém fala. O silêncio é total. Procurado pela reportagem do **Jornal de Brasília**, um comerciante que há nove anos mora próximo ao local onde ocorreu o crime disse, assustado: "Não vi nada. Não sei de nada. Aqui quem fala demais corre risco de vida. A polícia não vai poder contar com a ajuda dos moradores para

desvendar o caso".

Segundo o comerciante, a rivalidade entre jovens da Vila Roriz, mais conhecida como Agreste, e do Buriti II, o Pombal, é pública e notória. "Todos sabem que existem".

O clima é tão tenso na cidade que a equipe de reportagem foi ameaçada por um grupo de rapazes parado em uma esquina, enquanto ten-

tava recolher informações sobre o crime. Um deles levantou a camisa como se fosse sacar uma arma e, taxativo, perguntou: "O que vocês estão fazendo aqui?".

Dois moças que faziam parte do grupo pediram para que os repórteres deixassem o local porque os rapazes já estavam "nervosos" e poderiam atirar. (J.F. e L.A.G.)